

# **Coordenador Pedagógico: o mediador da humanização como prática na educação infantil**

**Fernanda Azevedo Fagundes<sup>1</sup>**  
**Júlia Estefani Alves<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

O presente artigo, busca discutir acerca da função do Coordenador Pedagógico na formação integral das crianças, bem como, refletir sobre os desafios de tornar a criança o ator principal, o protagonista da sua própria aprendizagem. Contempla-se, neste estudo, o cuidar, o brincar e o ensinar em relação às práticas que permeiam o cotidiano deste profissional da educação. Destacamos a prática humanizadora, que envolve as atividades relacionadas aos diferentes eixos norteadores e formadores do desenvolvimento pleno da infância. Destaca-se também, a reflexão sobre o papel da escola de educação infantil durante todo o período que a criança está no espaço escolar. Refere-se também sobre a aquisição de saberes e de interação social e como desenvolver as práticas pedagógicas dos educadores, frente aos paradigmas institucionais, possibilitando o desenvolvimento da autonomia infantil. Explanam-se, ainda, questões sobre a função e a capacidade de nossas educadoras em proporcionar momentos de descobertas, estimular as crianças a realizar experiências, valorizando principalmente o diálogo. Destaca-se ainda, a importância do trabalho coletivo e interativo como desencadeador de um novo olhar sobre a educação infantil, fazendo com que o educador escute mais as crianças, interpretando suas expressões com sensibilidade e afeto, e desta forma influenciando a confiança da criança no professor. As reflexões, ideias e propostas citadas e pontualizadas, bem como a metodologia utilizada na construção deste artigo, baseiam-se em observações do cotidiano escolar e a grande responsabilidade do coordenador pedagógico perante a formação dos professores e sua própria formação.

**Palavras-Chave: Formação Integral. Educação Infantil. Prática humanizadora.**

---

<sup>1</sup>Fernanda Azevedo Fagundes, Habilitada para o Magistério na Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pelo Instituto Estadual de Educação Olívia LahmHirt (2010). Graduada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA (2014). Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI (2015). Acadêmica do curso de Psicologia da FACCAT (3º semestre). Atualmente Coordenadora Pedagógica em Igreja na Escola Municipal de Educação Infantil Os Baixinhos.

<sup>2</sup>Júlia Estefani Alves, Habilitada para o Magistério na Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pelo Instituto Estadual de Educação Olívia LahmHirt (2006). Atua na Educação Infantil de Igreja há 7 anos, atualmente como Coordenadora Pedagógica da Escola Municipal de Educação Infantil Valério Armino Rothe.

## **1. Cuidar, brincar e ensinar: Os desafios da formação integral das crianças**

Muitos são os desafios em relação às práticas diárias na educação infantil, mas sem dúvida, a prática humanizadora tem estado presente no dia a dia do nosso contexto escolar. O professor da educação infantil precisa ter um olhar sensível para conhecer as especificidades de cada criança, sua realidade histórica e sua forma de vida no meio em que está inserida, e a partir disso, proporcionar vivência que sejam realmente significativas, contribuindo para que as crianças tenham sua infância garantida, e um pleno desenvolvimento. Quando falamos em humanização na prática cotidiana, nos reportamos a situações relacionadas aos diferentes eixos norteadores, pois estes segmentos se entrelaçam a todo momento. O cuidar, o brincar e o ensinar são práticas pedagógicas que envolvem afeto, a emoção, o toque, a sensibilidade e o amor, sentimentos que são compartilhados entre a criança e o adulto, tornando-a mais confiante e segura no ambiente escolar.

Na educação infantil, os cuidados com a criança em relação a seu bem-estar físico ocorrem durante todo o período em que está presente na escola, os cuidados básicos como alimentação e higiene pessoal, são prioridades no processo de educação. Precisamos, enquanto profissionais de uma educação sensível e humanizada, envolver a criança em cada situação proposta, e de forma prazerosa e significativa, efetivar o ensinar com o ato de cuidar, evitando tornar os momentos de rotina, mecânicos e repetitivos.

Podemos observar nas educadoras, algumas inquietações em relação ao que é ou não atividade pedagógica. Hoje a partir de inúmeras mudanças, relacionadas aos aspectos cuidar, brincar e educar, percebemos todos os momentos vivenciados na escola como pedagógicos, pois são únicos e essenciais para que a criança tenha uma infância feliz e saudável.

O papel do coordenador pedagógico nesse processo vai além de sugerir, propor e observar, estamos contribuindo diretamente para que o desenvolvimento da autonomia seja garantido no espaço infantil, para que a criança tenha possibilidade de se tornar o ator principal, o protagonista da sua aprendizagem.

Sabendo que a criança é um sujeito histórico e de direitos e que se desenvolve em suas interações, no período da educação infantil respeitamos a criança como ser único, com suas singularidades. Neste espaço ela pode expressar seus sentimentos, angústias e desejos, e acima de tudo, fazer suas próprias escolhas.

Para que a teoria se torne prática efetiva no espaço infantil, destacamos como estratégia a necessidade de pensar e repensar nossos espaços e atitudes, é a partir da reflexão da própria prática que nossas educadoras serão capazes de proporcionar momentos de descobertas, estimular a criança a realizar experiências, valorizar o diálogo assim como outras formas de expressões. Nos espaços em que atuamos, possibilitamos trocas de conhecimentos e vivências entre grupos de crianças de diferentes idades, valorizamos o contato com elementos da natureza, proporcionamos brincadeiras de faz de conta, e assim possibilitamos o desenvolvimento de inúmeras habilidades de forma lúdica e prazerosa.

Através dos momentos de reflexão, instigamos as educadoras a perceber também, que não basta o planejamento, organização dos materiais e lançar propostas de atividades para as crianças. É de forma espontânea, com a participação do educador durante as interações diretas e/ou indiretas, vivenciando cada momento, como mediador, que ele tornará desafiadora a proposta.

Durante os momentos de acompanhamento pedagógico, ao conversar com as professoras, os relatos nos fazem avaliar o “estar junto” como a ação que faz a diferença na prática em sala de aula. É na aproximação com as crianças que se constituem os vínculos, é com a sua efetiva participação que o educador, nos momentos de brincadeiras e rotina, entenderá a hora e o modo de fazer suas intervenções, compreendendo que aquele momento é de todos os envolvidos, uma troca de experiências que dá sentido às descobertas.

O diálogo é conceito-chave e prática essencial na concepção freireana. Paulo Freire comenta seu entendimento a respeito do diálogo:

[...] para pôr o diálogo em prática, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber, deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem perdido, fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber. (FREIRE1996, pag.01).

O diálogo possibilita compreender-se mutuamente, a reciprocidade no processo de aprender e ensinar juntos, torna o saber coletivo, em que se cresce nas diferenças.

É brincando que a criança aprende, cria oportunidades de se aproximar e/ou se distanciar da realidade vivida, momento em que ela interage com seu próprio corpo, realiza formas de comunicação e manipulação, aprende a assumir papéis diferenciados, aprende a viver e a

conviver, reconhece diferentes linguagens, resolve conflitos, ou seja, constrói suas primeiras hipóteses. Paulo Freire sugere uma escola com “uma educação aberta, democrática, que estimulasse nas crianças o gosto da pergunta, a paixão do saber, da curiosidade, a alegria de criar e o prazer do riso, sem o qual não há criação” (FREIRE 2001, pág.141).

Quando destacamos nossa prática, que envolve estas diferentes formas de possibilitar que a criança seja o protagonista, nos reportamos à importância de valorizar cada forma de expressão deste indivíduo, e passamos a perceber a importância de falarmos com ele e não para ele, compreendendo os diferentes pontos de vista da criança e não apenas os do adulto, pois só assim ocorre uma aproximação entre estes dois sujeitos de forma igualitária, possibilitando que a criança crie sua própria identidade, a partir de suas próprias concepções, e experiências vivenciadas.

Freire, em um dos capítulos do livro *Pedagogia da Autonomia*, refere-se ao saber escutar como exigência primordial para ensinar. Escutar não é tarefa fácil, requer abdicar de falar ao outro, com arrogância, de cima, como detentor da verdade e de saberes, para falar com o outro.

Falar com a criança a partir da escuta, não significa concordar com ela, mas sim estar atento ao que ela diz, é dever do educador que permite a fala autônoma do seu aluno, aceitar ser contrariado, valorizar as experiências subjetivas da criança e se pôr diante dela como ouvinte em busca de conhecimento, tornando está escuta, um momento de aprendizagem. “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre” (FREIRE 1989, pág.39).

Acompanhamos educadoras, muitas vezes inseguras e incomodadas. Relatam não dar conta do planejamento por que as crianças estão agitadas e não se concentram, a proposta da aula, por mais atrativa que pareça, não está contemplando a necessidade das crianças. Entendemos que as crianças estão nesse momento, pedindo para serem escutadas, as educadoras devem ter o olhar humanizado e sensível para compreender que naquela situação, seu planejamento não está sendo significativo. É esse o momento que para conseguir ensinar, a educadora primeiro terá que de fato, escutar. Possibilitar um tempo, que não é seu, para que as crianças falem, coloca o educador na posição de autoridade, no sentido de prestígio, de influência de confiança, representa alguém que é justo e correto, que dá o direito de falar, sendo capaz de escutar. Educador que aprende e ensina.

Na educação infantil o saber escutar acontece de formas variadas, entendemos como práticas educativas e possibilidades de aprendizagens, os momentos de cuidado e interações que

acontecem principalmente durante as brincadeiras, momento rico para que educadoras possam escutar seus alunos nos diferentes papéis que eles reproduzem no faz de conta.

Na etapa creche, as crianças estão ampliando conhecimentos da linguagem oral, na pré-escola está habilidade ainda está em constante evolução, então, escutar quem ainda não tem o domínio da fala, envolve mais do que tudo, a sensibilidade. Ser capaz de olhar para um bebê e compreender o que ele diz através de suas expressões, só acontece quando há vínculo, este, por sua vez, é estabelecido através da interação entre as partes envolvidas, e exige entrega do educador. A pedagogia do amor se faz presente em cada escuta, ela serve de subsídio para fundamentar o cuidar, o brincar e o ensinar, afinal, “não há educação, sem amor. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar” (FREIRE 2001, pág. 29).

A humildade representa a aceitação do outro, ser humilde no diálogo, durante a escuta e a fala, exprime o respeito pelas ideias e pensamentos do outro. Trabalhamos com a base da educação, da formação de personalidade, período em que se inicia o processo de pensamento crítico dos indivíduos. Assim como nas demais, nesta etapa da educação, ser humilde para interpretar e aceitar as diferenças, valorizando a bagagem de conhecimentos prévios adquiridos pelas crianças, estar aberto às contribuições que elas trazem, demonstra a humildade e valorização que o educador exprime para a participação autônoma dos educandos na construção de seus percursos de aprendizagens. Através da escuta atenta, o educador humilde, que aceita aprender e ensinar a partir da necessidade e interesse do seu aluno, elabora o planejamento com possibilidades, propostas que oportunizam escolhas para que os próprios estudantes construam o conhecimento, de forma natural, como uma descoberta e não mero conteúdo repassado, mudando a concepção de educação bancária em que, segundo Freire, o educador realizava depósitos nos educandos:

O educador faz “depósitos” de conteúdos que devem ser arquivados pelos educandos. Desta maneira a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. O educador será tanto melhor educador quanto mais conseguir “depositar” nos educandos. Os educandos, por sua vez, serão tanto melhores educados, quanto mais conseguirem arquivar os depósitos feitos (FREIRE1983, pag.66).

Estamos num processo de constante mudança, nos permitir a reflexão, a análise das práticas que desenvolvemos e perceber que conseguimos identificar a teoria da qual estamos nos apropriando, na prática que desenvolvemos na escola, dá sentido a palavra transformação. Já internalizamos a ideia de que não é transferindo conteúdos sistemáticos, que vamos formar uma

sociedade pensante, capaz de exercer a sua cidadania e alcançar a vida plena que só um ser pensante, capaz de refletir, conseguirá contemplar. A partir desta premissa, seguimos de forma dialética, a construção dos saberes em conjunto, transformando diariamente nossa forma de pensar, de escutar e de falar, transmitindo e adquirindo conhecimento de forma humanizada em que todos são protagonistas da aprendizagem.

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.(FREIRE 1979, pág.67).

Enquanto profissionais da educação sabemos que por mais tumultuada que seja a estrutura familiar da sociedade atual, sabemos que essa estrutura existe e por mais que no pareça insuficiente, pode ser o melhor que a família tem a oferecer, então a escola pode ser o ambiente mais saudável frequentado pela criança e é aqui, no lugar em que prática e teoria se encontram e complementam, que vamos fazer e ser o melhor que pudermos.

## **2. O professor na função de coordenador pedagógico: O desafio agora é de mediar e incentivar a reflexão sobre a prática.**

O coordenador pedagógico, é uma peça fundamental no espaço escolar, ele é o responsável por integrar os envolvidos no processo ensino aprendizagem, desenvolver habilidades para lidar com as diferenças, respeitando as subjetividades de cada indivíduo, valorizando a formação do professor e sua própria formação, mantendo as relações interpessoais de maneira saudável.

Mas estar coordenador é um grande desafio para o professor que sai da sala de aula e passa a ocupar um cargo que lhe permite uma nova visão. Novas concepções passam a ser construídas. Poder observar o processo pedagógico como mediador, de forma indireta, sabendo se colocar na função de expectador, incentivando a autonomia do professor, é também permitir que ele seja o protagonista da sua prática.

Sabemos que a reflexão é o ponto chave para desacomodar, inquietar e transformar. Enquanto coordenadoras nos qualificamos, e refletimos sobre as mudanças que desejamos criamos estratégias para despertar a reflexão de nossas educadoras, o que não é tarefa fácil.

Independente do cargo ocupado, pensar os pontos negativo e positivos da prática desenvolvida, traz algumas inquietações.

A experiência de pensar a prática e a realidade em que ela se dá como objeto de nossa reflexão crítica, termina por nos revelar obviedades que, porém, não suspeitávamos, pensar a prática é, por isso o melhor caminho para pensar certo. (FREIRE, pág. 112,1985).

Nesta importante função e tão diferenciada em relação a assumir a docência, inicialmente nos deparamos com inúmeras dúvidas sobre como instruir, transformar e orientar um grupo de adultos, com suas próprias concepções formadas e em alguns casos, extremamente enraizadas. Diante do desafio, nos cabe a importante tarefa de incentivar a cada dia que o professor faça uma reflexão sobre a sua prática, buscando uma relação com a teoria, possibilitando o aprimoramento do seu trabalho além do crescimento pessoal que a reflexão possibilita a todos os indivíduos.

Enquanto coordenadoras pedagógicas, conseguimos ter um olhar diferenciado diante das práticas realizadas pelas educadoras. Este “olhar de fora”, não com intenção de avaliar, julgar, ou punir, mas de lançar propostas para uma autoavaliação das educadoras, tem possibilitado grandes ganhos nos ambientes em que atuamos. Falar com as professoras é tão importante quanto o falar COM os alunos, ser capaz de aceitar o ponto de vista das educadoras e propor em vez de impor, torna possível a relação de troca de aprendizagens e experiências.

É necessário que o coordenador pedagógico acompanhe o grupo de educadores, diante das exigências e características de cada um e em relação a faixa etária na qual atuam, pontuar a importância do olhar e da escuta sensível. Podemos afirmar que só haverá uma aprendizagem significativa, se o lado humano estiver em evidência, pois a cada ato pedagógico deve estar presente o afeto e a compreensão, buscando suprir e entender o indivíduo diante de seu contexto histórico, conhecendo suas especificidades.

O professor que assume a coordenação pedagógica, não assume simplesmente um cargo com diferentes atribuições, ele assume o desafio de aproximar teoria e prática, fundamentando, questionando, refletindo e buscando estratégias para potencializar o seu grupo a fazer do ensino, um processo de aprendizagens significativas, do cuidar, um ato de amor e do brincar, uma forma de conhecer a si mesmo e o mundo que nos rodeia, contribuindo para formação de uma sociedade mais justa e igualitária, capaz de pensar e dialogar.

## **Considerações Finais**

Nas escolas de educação infantil em que atuamos reforçamos diariamente a importância da reflexão da prática em todos os setores, acreditamos que cada segmento tem fundamental importância no processo educativo, contamos com o auxílio das profissionais da cozinha e limpeza, tanto quanto as docentes e equipe administrativa, juntas formamos uma grande equipe capaz de pensar, agir, repensar e inovar, priorizando a criança e garantindo uma infância repleta de possibilidades em que ela se desenvolva de forma integral sendo compreendida e interpretada de forma singular e individualizada.

Reflexão é o nosso método de tornar a educação mais humana, mais sensível, mais atenta e voltada para o desejo e especificidades de nossas crianças, tornando a educação infantil uma fase de significados e marcas positivas capazes de transformar a sociedade.

## **Referências:**

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se complementam. São Paulo. Autores Associados: Cortez, 1989, p. 39.

\_\_\_\_\_ Paulo Freire, in Moacir Gadotti, Paulo Freire: Uma bibliografia, 1996.

\_\_\_\_\_ Uma Educação Aberta: (2001). Pedagogia da Esperança 8ª edição. São Paulo. Paz e Terra.

\_\_\_\_\_ Educação e Mudança. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin 24ª Ed. São Paulo. Editora Paz e Terra S.A, 2001.

\_\_\_\_\_ FREIRE, Paulo, Pedagogia do Oprimido. 12ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.